



Faculdade Católica de Anápolis
Curso de Filosofia

Francisco Edivaldo de Paiva Silva

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PRAZER ENQUANTO FELICIDADE
NA PERSPECTIVA DE EPICURO**

Anápolis-GO
Abril de 2018

Francisco Edivaldo de Paiva Silva

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PRAZER ENQUANTO FELICIDADE
NA PERSPECTIVA DE EPICURO**

Monografia apresentada à Faculdade Católica de Anápolis-GO, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Padre João Ferraz

**Anápolis-GO,
Abril de 2018**

Francisco Edivaldo de Paiva Silva

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PRAZER ENQUANTO FELICIDADE
NA PERSPECTIVA DE EPICURO**

Comissão examinadora constituída por:

Orientador: Padre João Ferraz
Faculdade Católica de Anápolis-GO
Orientador

**Anápolis-GO,
Abril de 2018**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ternamente a Deus por sua infinita sabedoria e bondade em me proporcionar saúde mental para elaborar os conceitos intelectuais que se seguem.

A minha família como dom precioso do amor divino, pelo apoio a mim prestado.

À Faculdade Católica de Anápolis pela formação acadêmica graças à qual posso exercer com segurança o exercício do magistério.

A todos que buscam concretizar seus sonhos e ideais através de lutas cotidianas com o intuito de alcançar a felicidade, dedico.

RESUMO

A Felicidade interpretada como atividade racional (aspecto utilitário ou energético) é nitidamente diferente daquela de felicidade como estado de espírito (aspecto hedônico). Ambas estão presentes na noção aristotélica de bem do homem. Num sentido amplo, o termo felicidade conota a ideia de plena satisfação, implicando, negativamente, a ausência de sofrimentos físicos ou morais, e, positivamente, uma sensação de alegria, de paz e de plenitude interior. Esta é o polo que magnetiza o dinamismo humano. Toda ação humana, mesmo os gestos mais simples, são atravessados por este magnetismo. Se este cessasse, o homem perderia o sentido de viver e seria prostrado pelo tédio. A felicidade é o que todos buscam, adotando, porém, caminhos diversos para alcançá-la. Na perspectiva de Epicuro a felicidade é interpretada como sendo o prazer puro — liberdade em relação à dor e ao medo (serenidade) — distinguindo-se do hedonismo enquanto busca indiscriminada de qualquer tipo de prazer; o indivíduo deve se quiser ser feliz, superar a crença supersticiosa nos instáveis deuses antropomórficos da tradição popular, pois essa crença gera ansiedade e medo, sendo deste modo, causadora da infelicidade humana. Não é preciso temer os deuses, que não estão preocupados com o mundo dos homens. Também não é preciso temer a morte, que é apenas a extinção da consciência e não prelúdio para um castigo penoso. Para melhor atingir a felicidade nesta vida, basta que se viva com simplicidade; longe de qualquer desejo incômodo. Destarte, Epicuro mostra que a felicidade é possível a todos.

Palavras-chaves: Liberdade; Prazer; Serenidade Felicidade.

Abstract

The happiness interpreted as rational activity (utilitarian or energetic aspect) it is sharply different from that of happiness as spirit state (hedonic aspect). Both get along present in Aristotelian good of the man. In a wide sense, the term happiness connotes the idea of full satisfaction, implicating, negatively, the absence of physical sufferings or you live and, positively, a sensation of happiness, of peace and of interior fullness. This is the pole that magnetizes the human dynamism. All action human, same the simplest gestures, they are crossed by this magnetism. If this ceased, the man would lose sense of living and it would be prostrated by the tedium. The happiness is what all look for, adopting, although, several roads for you reach her. In the perspective of Epicuro the happiness is interpreted as being the pure pleasure-freedom in relation to the pain and to the fear (serenity): the humanity owes, if she wants to be happy, to overcome the superstitious faith in the unstable anthropomorphous god of the popular tradition, because the faith generates anxiety and fear, being this way, cause of the human unhappiness. It is not necessary to fear the gods, that are not concerned with the men's world. It isn't also necessary to fear the death, that is just the extinction of the conscience and non-prelude for a painful punishment. For best to reach the happiness in this life, it is enough that lives her with simplicity; far away from any uncomfortable desire. Like this being, Epicuro shows that the happiness is possible to all.

Key-words: Freedom, Pleasure, Serenity, happiness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. I CAPÍTULO – FELICIDADE E JARDIM NO PERÍODO HELENÍSTICO	13
1.1 O Helenismo (<i>hellenizein</i>).....	13
1.2 Breves Considerações Sobre a Felicidade (<i>Eudaimonia</i>).....	14
1.3 A Importância do Jardim (<i>Képos</i>).....	17
2. II CAPÍTULO – TETRAPHÁRMAKON E PHYLIA	20
2.1 <i>Tetraphármakon</i> : esclarecimento das superstições.....	20
2.2 A importância da amizade (<i>Phylia</i>).....	26
3. III CAPÍTULO: O PRAZER ENQUANTO PRINCÍPIO E FIM DA FELICIDADE	30
CONSIDERAÇÕES	37
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é refletir o tema felicidade como o fim desejado e buscado em todo empreendimento pelo indivíduo humano. Na pretensão de demonstrar que se pode ser feliz nesta efêmera existência, pois a própria riqueza natural presente em cada um de nós, isto é, a sensibilidade, a memória e a razão como suportes para o desenvolvimento da felicidade, o pensamento será construído a partir da perspectiva de Epicuro – filósofo grego, provavelmente natural de Samos, que viveu em Atenas de 306 a 270 a.C.

A sua reflexão a respeito da origem e constituição do cosmos, assim como a natureza de tudo que existe visível e invisível, apoia-se na teoria de Demócrito que versa ser o átomo (imutável, infinito e eterno) o ponto de partida. Por isso, Epicuro pode ser considerado materialista; quando fala do bem último identifica-o com o prazer puro, pois em razão deste praticamos todas as nossas ações desde o começo até o fim da vida; o prazer é um meio natural em que se pode sentir o bem desejado. Para isso, é necessário saber viver de acordo com os próprios limites impostos pela natureza. A filosofia associada à prudência capacita o indivíduo a agir com autonomia sobre si mesmo e sobre a realidade circundante, dissipando qualquer desejo incômodo e ajudando-o a viver serenamente – nada lhe perturba.

O hedonismo epicúreo, pelas mesmas razões enfatizadas pelo seu fundador de – medida, prudência – não deve ser confundido com narcisismo ou sistema da volúpia, mas assimilado como a defesa do bem congênito à natureza. Necessário, quando compreendido corretamente, para uma vida feliz.

A felicidade é, certamente, o bem mais desejado, diríamos que o único, visto que em tudo que faz o homem, geralmente, espera resultado satisfatório, que algum bem lhe seja proporcionado. A reflexão sobre esta se manifesta mais nitidamente nos discursos religiosos, filosóficos e, principalmente, econômicos. O sentido da vida é o que buscamos e quando sentimos que a nossa existência tem uma razão de ser, que vale a pena lutar e acreditar no que somos, descobrindo a riqueza que a vida contém, então será possível viver agora o que muitos esperam para depois.

Felicidade pressupõe liberdade, uma não se explica sem a outra. A proposta epicurista é evidenciar, pelo raciocínio lógico, os equívocos – medo e ambição, disseminados pela política e religião. Para que o indivíduo desfrute de um estado “felicatório” é necessário que ele seja autônomo — livre em relação a si mesmo – *autómínio* quanto aos desejos

incômodos e livres do medo relacionado aos fenômenos cósmicos. A serenidade é, portanto, a manifestação da existência vivida com sabedoria; somente o sábio pode ser feliz porque prioriza aquilo que deve ser priorizado para uma vida saudável, mantendo-se “indiferente” – despreocupado – quanto a algo inevitável que prejudica o viver com intensidade (prazerosamente). Um exemplo disso é a morte.

Quanto ao que foi desenvolvido nesta pesquisa, o itinerário que segue partirá da etimologia da palavra felicidade seguindo pelas várias perspectivas explicitadas no decurso da história; isso para enfatizar o quanto é relevante para o ser humano a reflexão sobre algo de desejo universal. Prosseguindo, serão delineados o espaço e o tempo em que atuaram os audaciosos amantes da sabedoria (os filósofos do jardim como ficaram conhecidos os seguidores da doutrina de Epicuro) que por aspirarem uma existência virtuosa viveram com simplicidade e ternura recíproca no exercício das virtudes. Será elucidado, principalmente, o *TETRAPHARMAKON* (os quatro remédios) — cerne da ética epicúrea — presente ao sábio na serenidade da vida e proposta a todos como reflexão elementar para a saúde interior. Por último, será exposto o que se entende por felicidade como sendo o máximo prazer (o puro) = *ataraxia* (ausência de perturbação na alma, imperturbabilidade) e *aponia* (ausência de dor no corpo) *SERENIDADE*.

Esta monografia tem como Título: “Considerações Acerca do Prazer enquanto Felicidade na Perspectiva de Epicuro”. Está estruturada em três capítulos organizados do seguinte modo:

No Primeiro Capítulo o tema geral é “Felicidade e Jardim no período Helenístico”. Este capítulo foi subdividido em três temas específicos: 1. O Helenismo – Nesta parte da monografia foi feita uma exposição do contexto histórico do qual fazem parte as quatro principais escolas filosóficas: Epicurismo, Estoicismo, Ceticismo e Cinismo; 2. Felicidade (*eudaimonia*) – onde foi explicado de modo geral o sentido de felicidade, partindo da etimologia da palavra e passando por breves comentários dos mais conhecidos pensadores da História da Filosofia até contemplar as ideias de Epicuro. Isso para enfatizar a relevância do tema central; 3. “Jardim” (*Képos*) – trata-se de forma mais específica do espaço físico – “o Jardim” no qual se dá o exercício filosófico epicurista.

No Segundo Capítulo o tema geral é: “*Tetrphármakon* e *Phylia*”. Este também subdividido em dois temas específicos: 1. *Tetrphármakon* (Quatro Remédios): a partir deste ponto a reflexão foi desenvolvida analiticamente sobre o conteúdo central da ética epicurista

exposta na Carta de Epicuro a Meneceu. Eis os 4 remédios da alma: a) Não há o que temer quanto aos deuses; b) Não há o que temer quanto à morte; c) Pode-se suportar a dor; d) Pode-se alcançar a felicidade; 2. *Phylia*: neste espaço foi analisada a importância da amizade como relação social de profunda sabedoria capaz de gerar e sustentar a felicidade desejada. A amizade aqui é o modo prático de vivenciar os meios propostos no tema do *Tetrapármakon*.

O Terceiro Capítulo cujo tema é “O Prazer como Princípio e Fim da Felicidade”, a análise se deteve mais especificamente sobre o sentido filosófico do prazer, contrapondo-o ao prazer como satisfação nociva dos desejos lascivos, voluptuosos. Para esclarecer o real sentido de prazer defendido e ensinado por Epicuro foi observada a hierarquia dos desejos que este estabelece para a compreensão do prazer como fonte de felicidade. Para Epicuro existem as seguintes ordens de desejos: a) os desejos não naturais, desnecessários / inúteis; b) Os desejos naturais não necessários; c) Os desejos naturais e necessários. Estes últimos são os únicos que podem ser satisfeitos, gerando autêntico prazer e, portanto, felicidade.

O texto-base para o desenvolvimento das ideias aqui articuladas é *A Carta de Epicuro a Meneceu* que terá como subsídios de apoio as obras: *EPICURO: o filósofo da Alegria*, de A. Ullmann; e *As Delícias do Jardim*, de José Américo Mota Pessanha; dentre outros. Aspiramos fomentar a reflexão sobre as reais condições humanas que, bem disciplinadas por um raciocínio seguramente correto, qualificam a existência, conferindo-lhe o sentido real que a faz virtuosa e, por isso, feliz. Não ambicionamos desenvolver técnicas de autoajuda, mas explicitar que para ser feliz nada é mais essencial que a simplicidade de vida nos afetos pela disciplina para o natural e necessário; que é preciso ser sóbrio até mesmo no raciocinar. Por esse motivo, as ideias articuladas nesta observação filosófica caracterizam-se por um estilo simples. Aos interessados no que seja felicidade não será dada aqui uma resposta definitiva, mas apenas um meio para refleti-la. Lembramos, ainda, que a reflexão tem uma conotação psicológica visto que Epicuro converge sua atenção mais especificamente para a interioridade. Diz ele em um de seus principais aforismos que “O essencial para a nossa felicidade é a nossa condição íntima: e desta somos nós os amos.” (www.filosofia.com.br/figuras/livros_inteiros). Por isso, é no nosso interior, na sede dos sentimentos e paixões (*pathé*) que pode ser encontrado o meio de ser feliz e não fora ou distante de nós.

Sintetizando o significado do refletir epicurista sobre felicidade, podemos concluir que o otimismo perante as vicissitudes do tempo e da própria natureza física decadente e finita

subsequenciado por uma austera educação da individualidade em sua instintividade, é que assegura uma boa qualidade da existência, felizardo viver.

1. FELICIDADE E JARDIM NO HELENISMO

1.1. O HELENISMO (*HELLENIZEIN*)

O período helenístico (do grego, *hellenizein* – “falar grego”, “viver como os gregos”) refere-se ao período da história da Grécia e de parte do Oriente Médio compreendido entre a morte de Alexandre o Grande em 323 a.C. e a anexação da Península grega e ilhas por Roma em 146 a.C.. Caracterizou-se pela difusão da civilização grega numa vasta área que estendia do Mar Mediterrâneo oriental à Ásia Central. De modo geral, o helenismo foi a concretização de um ideal de Alexandre: o de levar e difundir a cultura grega aos territórios que conquistava. Foi neste período que as ciências particulares tiveram seu primeiro e grande desenvolvimento. (www.pt.m.wikipedia.org).

Como Já explicitado, o helenismo está baseado no projeto expansionista do notável Alexandre, rei da Macedônia. Até os 16 anos Alexandre teve como preceptor Aristóteles. Era filho de Felipe II e assumiu o trono aos 20 anos de idade. Conquistou e dominou várias regiões, dentre elas a Grécia, o norte da África, a Mesopotâmia e a Anatólia até o rio Indo.

Com a dominação dos povos persas, gregos, hindus e assírios houve também uma miscelânea de diversas culturas. Como consequência dessa hibridização cultural nota-se a influência do pensamento oriental na formação das escolas filosóficas desse período. Assim, neste contexto conturbado de disputas e dominação o pensamento filosófico foi direcionado para um novo enfoque. Enquanto no Período Clássico o filosofar acentuava a importância da Pólis e a participação efetiva do cidadão nas decisões públicas, no Helenismo “(...) os pensadores (...) preocupavam-se especialmente com a conduta da vida humana e com a busca pela tranquilidade espiritual (chamada de ataraxia), que como consequência proporcionaria felicidade. As principais escolas do Período são quatro: Epicurismo, Estoicismo, Ceticismo e Cinismo”.

Epicuro, o pensador que ora analisamos, nasceu em Samos, uma ilha grega ao leste do Mar Egeu, em 341 a.C.; Estudou em Mitilene, capital de Lesbos, outra Ilha grega, em 311 a.C. (Filosofia Helenística Introdução, por Luciana Vanucchi. www.acervofilosofico.com/filosofia-helenistica-introducao). Na Ásia Menor Epicuro entrou em contato com a filosofia de Demócrito. “Demócrito (...) define a felicidade como a medida do prazer e a proporção da vida, que era manter-se afastado dos defeitos e dos excessos” (Fr 191, Diels APUD ABBAGNANO, 2000, p. 434). Ensinou em Cólofon, Mitilene e Lâmpsaco;

quando tinha pouco mais de trinta anos, fundou uma escola – o Jardim – que funcionou em Atenas desde 307 a.C. até sua morte, em 270 a.C. (B. Russell, 2001, p. 150).

1.2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FELICIDADE (*EUDAIMONIA*)

Felicidade é uma palavra grega (εὐδαιμονία) *eudamonia* que literalmente significa “o estado de ser habitado por um bom *daemon*, um bom gênio”; espírito bom ou velado por um bom deus. Também pode ser entendida como estado de espírito, satisfação, ou ainda, alegria, bem-aventurança, bem estar, contentamento, júbilo, prazer; sorte ou sucesso, estes são termos correlacionados ao objeto que ora analisamos. A busca pela felicidade terminou por “produzir”, entre os gregos, uma doutrina filosófica, o *hedonismo* que é uma variante do *eudaimonismo*, tendo no seu próprio radical (*hedon* = prazer) o discurso que defende: a busca da felicidade pelo prazer. Enquanto o *eudaimonismo* é a doutrina filosófica que tem a felicidade como princípio e fundamento da vida moral, ou seja, a própria felicidade constitui para cada um, o bem supremo, e, portanto, é a orientação rumo a ela que serve como critério da correção de nossas ações; o *hedonismo* indica tanto a procura indiscriminada do prazer, quanto à doutrina filosófica que considera o prazer como o único bem possível, portanto, como o fundamento da vida moral. Essa doutrina foi sustentada por uma das escolas socráticas, a cirenaica, fundada por Aristipo. Para ele “Somente o prazer é o bem, porque só ele é desejado por si mesmo (...), a felicidade é o sistema dos prazeres particulares, em que se somam também os passados e os futuros” (DIÓG. L., II, 8, 87 APUD ABBAGNANO, 2000, p. 434); foi retomada por Epicuro, segundo o qual *o prazer é o princípio e o fim da vida feliz*¹ (EPICURO, 1997, p.37).

Em geral, difere-se de bem-aventurança que é o ideal de satisfação independente da relação do homem com o mundo. Felicidade ou infelicidade pertence à alma.

¹ Enquanto para os cirenaicos o prazer é movimento, ou seja, a satisfação das carências e necessidades; para os epicuristas é repouso, isto é, eliminação da necessidade (exclusão dos desejos naturais não necessários e dos não naturais não necessários). Neste aspecto percebemos uma forte influência da filosofia oriental. Prazer para o epicurista é, então, ausência de dor (*indolentia*) no corpo (*aponia*) e ausência de dor na alma (*ataraxia* – o estado sereníssimo da alma). Trata-se, portanto, de, pelo conhecimento e seleção dos desejos, moderar os afetos e dispor o espírito para que se mantenha nos limites impostos pela natureza.

Muitas vezes estabeleceu-se uma relação entre felicidade e prazer, dando-lhe o mesmo significado, ou seja, é a conexão entre o estado definido como felicidade e a relação com o próprio corpo, com as coisas e com os homens².

Platão julgava que a felicidade estava relacionada com as virtudes da justiça e temperança, negando a relação desta com o prazer. Sua análise a esse respeito reflete que os felizes são felizes por possuírem tais virtudes enquanto os infelizes são infelizes por possuírem a maldade.

Os felizes são felizes por possuírem a justiça e a temperança; os infelizes são infelizes por possuírem a maldade, diz ele em *Górgias* (508 b); no *Banquete* (202 c) são chamados de felizes aqueles que possuem bondade e beleza. (ABBAGNANO, 2000, p.434)

Na *Ética a Nicômaco* Aristóteles insistiu no caráter contemplativo da felicidade no seu grau superior: a bem-aventurança, (estado de satisfação completa, perfeitamente independente das vicissitudes do mundo), mas apresentou uma noção mais ampla de felicidade, definindo-a como certa atividade da alma, realizada em conformidade com a virtude; ela não exclui, mas inclui a satisfação das necessidades “mundanas”. Isto significa, certamente que há um sentido de satisfação mediada pelo equilíbrio e prudência. Uma vez que qualquer exagero é considerado nocivo para a felicidade humana.

Agostinho, para o qual a ética fundamenta-se no amor, acreditava que só é realmente feliz quem ama a vida, construindo a existência em cada precioso minuto. O tempo de vida é breve, cabe-nos aproveitar minuciosamente o que nos é providenciado viver (o presente), valorizando o que somos, amando, ou melhor, primeiro amamos e depois somos e o que somos depende do que amamos. Por isso, ser bom, isto é, ser homem ou mulher de bem significa amar o que deve ser amado e não amar o que não deve ser amado. O amor às coisas transitórias, o desejo de que sejam eternas, é a causa de infelicidades, pois a dor da perda pode chegar a qualquer momento. A felicidade está, então, em amar as coisas certas, as pessoas certas, os lugares certos. Consequentemente, a calma, o descanso, a tranquilidade, só pode vir na presença do amor.

Segundo Marcos Antônio da Silva, num artigo de opinião “Agostinho de Hipona propõe a felicidade a partir da ideia da ‘posse de Deus’, da ideia da sabedoria divina e da ideia de justa medida. Em outras palavras, a ‘posse de Deus’ é o fim a ser buscado pelo homem

² É o que faz Epicuro, como veremos adiante.

para a obtenção da felicidade, cujo método utilizado seria a sabedoria divina, e cujo princípio básico se consubstanciaria na justa medida das coisas, na frugalidade, ou seja, na moderação do gozo das coisas”. (www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/a-felicidade-em-santo-agostinho).

Kant, em sua obra *Crítica da Razão Prática*, julgava impossível considerar a felicidade como fundamento da vida moral, esclarecendo eficazmente a noção de felicidade sem recorrer a de prazer ao afirmar que esta é a condição do ser racional no mundo, para quem, ao longo da vida, tudo acontece de acordo com o seu desejo e vontade. Isso acontece porque mesmo que a felicidade seja algo que todo ser humano almeja, é algo que o homem não tem capacidade racional objetiva para explicar, ficando apenas no âmbito da imaginação.

Epicuro em contraposição radical ao platonismo³ formula sua doutrina, tendo por base a teoria atômica de Demócrito e algo do ceticismo de Pirro (a parte do ceticismo pirroniano aproveitado pelo sábio do jardim refere-se à indiferença ao sofrimento, pois como doutrina do conhecimento Epicuro o considera um absurdo, visto que é contraditório em si mesmo, inviabilizando a sua fundamentação). Os sentidos, só estes, são “colhedores do ser”, sendo a sensação o critério de validação ou não de todos os juízos que a razão constrói, fazendo-se uma distinção de dois tipos de sensações: a sensação representativa, produtora de imagens que povoam a fantasia; e a sensação afetiva, o prazer e a dor.

A ética epicurista é basicamente um hedonismo. Nos próximos capítulos, sobre o “*tetraphármakon*” no tópico sobre a possibilidade de se alcançar a felicidade, será apresentada sucintamente a hierarquia dos desejos; esta mesma hierarquia será retomada de modo mais específico e aprofundado no terceiro capítulo. A vida humana é movida e tem por meta o prazer, princípio e fim da vida feliz, pois é a partir dele que escolhemos o que nos faz bem e recusamos o que nos faz mal.

A felicidade como se pode perceber neste breve itinerário histórico, constitui o bem principal subjacente no desejo que mobiliza civilizações de todos os tempos. O homem busca em tudo que faz aplicar ou encontrar um sentido. O mistério da morte é o que tem contribuído, na maioria das vezes, para o surgimento de questionamentos ou mesmo teorias na perspectiva de extrair e/ou aplicar um sentido à efêmera existência. A constatação interior de um vazio “impreenchível” apresenta-se como a consequência de laboriosas tentativas

³ Referimo-nos aqui à doutrina do conhecimento. Para Platão a verdade encontra-se na realidade suprassensível, no mundo das ideias enquanto para Epicuro o conhecimento se dá a partir do encontro do ente sensível racional com a matéria que toca os sentidos.

frustradas de alcançar distante de nós, acima ou à frente, o bem mais desejado: a felicidade; essa constatação pode ser o prelúdio do usufruí-la concretamente. Para uns encontrá-la-emos no mundo supressensível, na contemplação eterna; para outros, é possível desfrutá-la no plano da existência finita, basta vivermos segundo as leis naturais e/ou ainda, segundo a consciência do dever cumprido.

1.3 A IMPORTÂNCIA DO JARDIM (*KÉPOS*)

Na fundação da Escola, o filho de Samos teve que enfrentar um grande desafio: as controvérsias de platônicos e aristotélicos que não aceitavam um modo diferente de pensar e estavam dispostos a uma revolução espiritual⁴.

O epicurismo é o movimento filosófico que visa à vida prática no que diz respeito ao mais humano e concreto, ao imanente; em oposição à especulação do mundo das ideias de Platão e ao ideário político grego, ou seja, todo o filosofar realizado no jardim urge contribuir para o bem-estar pessoal; a pessoa é o centro das atenções analíticas empreendidas pelo sábio do jardim. Comenta G. Realle:

A vida política, para o fundador do 'Jardim', é substancialmente não-natural. Consequentemente, ela comporta continuamente dores e perturbações, compromete a *aponia* e a *ataraxia* e, portanto, compromete a felicidade. (...) O desmoronamento do mundo ideal platônico não poderia ser mais radical e a ruptura com o sentimento de vida classicamente grego não poderia ser mais decisiva: o homem deixou de ser homem-cidadão para tornar-se puro homem-indivíduo (G. Realle-D. Antiseri, 1990, p. 248-249).

Seu objetivo é proporcionar a iluminação interior do indivíduo pelo exercício filosófico no qual sejam esclarecidos os falsos juízos em relação aos deuses e à morte, como também, o conhecimento dos verdadeiros desejos — os naturais e necessários — os estáveis, que são fontes de felicidade duradoura.

Como doutrina ética basicamente hedonista, o epicurismo tem por parâmetro o prazer como princípio e fim de uma vida feliz. O prazer é o bem, enquanto a dor é o mal. Sobre este aspecto Bertrand Russell comenta: “o principal bem para Epicuro é o prazer. Sem ele é impossível viver bem” (B. Russell, 2001, p. 150). Isso se explica pelo fato de que o que

⁴ No período clássico do pensamento grego, que compreende Platão e Aristóteles, o filosofar se dá na polis (cidade) predominando a concepção de cidadão, na qual, o social precede o indivíduo; no período helenístico o indivíduo ganha significância, isso explica, em parte, a questão do filosofar epicúreo realizar-se fora da cidade com o objetivo estritamente de uma felicidade individual, pessoal. A filosofia caracteriza-se mais por um método “terapêutico”, para resolver problemas de ordem “psicológica” (individual) e não social.

provoca dor ser instantaneamente repulsado pelos seres sensíveis. Uma criança sente prazer ao sugar o leite materno, ao sentir-se aconchegada nos braços carinhosos da mãe, enquanto a ausência desta causa o choro; um animal foge do que lhe pode causar mal. Ninguém gosta de sofrer, a menos que seja masoquista, mas mesmo assim, está implícita nessa forma de sofrimento a satisfação de um desejo: o prazer.

Epicuro constata duas causas principais da infelicidade (*desidaimonía*): uma, a política, pelo jogo de interesses que há em seu bojo suscita a competição entre os homens, gerando exclusão e submissão da maioria – ambição é o espírito motivador desta: por isso, fonte de perturbação; a outra, a religião, que havia se reduzido a um sistema de utilitarismo e pragmatismo áridos, a um amontoado de ritos, sem nenhum sentido: geradora de imagens equivocadas dos deuses, alastrando-se contagiosamente na crença popular de uma retribuição, seja ela recompensadora das virtudes para bem-aventurança ou punidora dos vícios para maldição eterna. Nesta perspectiva subjaz o medo da morte como o início de uma eterna punição; acopla-se a esta crença os deuses “homéricos” e “hesiódicos” que determinam e limitam a ação humana, obscurecendo o verdadeiro sentido da vida; eis a superstição, o medo infundado causador do sofrimento espiritual.

A prudente proposta do solidário mestre do jardim do viver ignorado tinha por finalidade educar seus discípulos a uma vida de recolhimento que lhes proporcionasse maior quietude e, assim, eles fossem capazes de reconhecer o necessário para se viver bem, isto é, prazerosamente. O seu empreendimento filosófico – do viver afastado do tumulto citadino – vai de encontro aos desejos de honrarias nos meios públicos; que por não serem nem naturais nem necessários são causas de perturbações; nocivos à saúde espiritual, por isso devem ser evitados para que flua felicidade. Essa proposta não significa um individualismo egoísta, visto que o ideal de justiça defendido por Platão e Aristóteles como sendo próprio do exercício político é vivido na comunidade epicúrea pela relação de amizade que se cultiva zelosamente entre mestre e discípulos.

Só a quem o amor à sabedoria cumulou de ricas virtudes humanas poderia nos legar máximas de tão profunda eloquência, em se tratando dos desejos doentios de posses materiais: “a quem não basta pouco, nada lhe basta; se quiseres enriquecer Pítocles, não lhe acrescentes riquezas: diminui-lhe os desejos” (EPICURO apud JOYAU, 1980, p. 26). Este conselho expressa uma sobriedade ascética a combater a discordante e perturbadora ambição.

A convivência no jardim propiciava uma vida saudável. A alimentação era constituída de produtos da terra. Na bebida, havia uma prudente moderação. Com simplicidade, cultuavam-se os deuses. A relação entre as pessoas se dava pela amizade.

Ao comentar sobre o jardim, Ullmann diz que “não era um lugar de ociosidade, mas de treinamento para os que iriam a outros lugares semear suas ideias epicuristas. Ali se formavam pregadores e forjavam missionários. Se a Academia e o Liceu se caracterizavam pela *theoureia*, isto é, pela especulação, o jardim constituía o centro irradiador da propaganda epicúrea” (1996; p. 15). A convivência na escola de Epicuro é meio, principalmente de humanização, de valorização da pessoa singularmente.

A importância do jardim está em propiciar uma vida regrada pela simplicidade em harmonia com a natureza; o cultivo de relacionamentos amistosos coroa o esforço do indivíduo por uma vida serena, tranquila. Ser filósofo do Jardim é sinônimo de convívio fraterno, pois se exercita uma terna solidariedade entre mestre e discípulos e discípulos entre si. As atividades consistem basicamente no filosofar e no cultivo de hortaliças para a própria subsistência.

2. TETRAPHÁRMAKON E PHYLIA

2.1 TETRAPHÁRMAKON: ESCLARECIMENTO DAS SUPERSTIÇÕES

Neste capítulo, delinearemos os pré-requisitos psíquico-antropológicos demonstrados por Epicuro na Carta a Meneceu (1997) para a elaboração do *Tetraphármakon* – quatro remédios, resumidos nas seguintes frases: 1. Não há o que temer quanto aos deuses p. 25; 2. Não há o que temer quanto à morte p.p. 27-33; 3. Pode-se suportar a dor p. 47; 4. Pode-se alcançar a felicidade p. 51 – para a cura das almas perturbadas pelo obscurantismo das falsas opiniões em relação aos deuses e à morte; e mostrar que o homem pode ser feliz mesmo se lhe abater o sofrimento, pois o conhecimento seguro dos desejos e a convivência harmônica são fontes inexauríveis de felicidade duradoura.

O filosofar epicurista é para o indivíduo o remédio imprescindível que dissolve todo desejo incômodo e inquieto. Pessanha diz que “esse remédio é o logos filosófico, o discurso enquanto *phármakon*, portador da verdade aclaradora, enquanto curativo porque discurso-razão que espanca as trevas das credices, expulsando os males da alma. Esse remédio é capaz de livrar a humanidade de aflições e tormentos” (PESSANHA, 2002, p 58). Por esse motivo, só o amor à sabedoria possibilita a autêntica felicidade.

O estudo filosófico epicúreo é didaticamente dividido em três partes: *a canônica* ou *teoria do conhecimento*, *a física* e *a ética*. Entre estas áreas há uma estreita interdependência, sendo que a canônica e a física servem à ética; no sentido que é necessário se entender a gênese e a lógica dos fenômenos naturais pela determinação de critérios de evidência que permitam separar o verdadeiro do falso, eliminar as opiniões errôneas e encontrar fundamentos seguros para a vida serenamente feliz.

O estudo da física, tendo por base o atomismo de Demócrito, ou seja, compreendendo que a substancialidade constitutiva de toda a realidade natural, e por inferência, a dos deuses e da alma, é atômica, procura evidenciar os fenômenos celestes, os mistérios da morte e os limites traçados para nossos sofrimentos e nossos desejos. Esta, então, é a legítima física que pode ser aplicada como o remédio específico para as doenças da alma. Funcionalmente vinculada à ética, a física é independente desta: só desempenha sua função à medida que “des-moraliza” a natureza, purificando-a da presença mítica.

Em referência ainda à canônica, Epicuro afirmava que dispomos de três critérios de verdade: as sensações, as antecipações ou pré-noções (*prolepseis*), as afeições ou paixões (*pathé*).

A sensação é o efeito integral da presença e da ação de um corpo real sobre o nosso, isto é, o choque de emanções procedentes dos objetos contra os átomos da alma. Tais emanções são responsáveis pela formação de imagens ou simulacros; às sensações são, portanto, conferido um princípio epistemológico irrefutável, isto significa que há um caráter científico.

A *pré-noção* antecipa uma experiência particular no sentido de que dela precisamos para poder interpretar nossas sensações e subsumir em conceitos as informações (invalidação, anulação) que elas nos dão; mas à experiência em geral ela não antecipa e forma-se em nós pela sedimentação das sensações na memória. A *pré-noção* é um critério que nos permite selecionar entre os juízos que lhe são conformes e os que a contradizem, visto que, as sensações não proferem nenhum juízo.

Quanto às *afeições* há somente duas: *prazer e dor*; excluem-se qualquer estado neutro e qualquer estado misto, havendo uma espécie de preferência lógica pelo prazer. Vigora, nesta perspectiva, a ideia de que o limite da grandeza dos prazeres é a supressão do elemento dor. Prazer e dor são critérios imediatos e irrefutáveis do estado de nosso corpo e do caráter útil ou nocivo dos objetos com os quais ele se relaciona. Se o bem é por definição o que buscamos, e o mal é o que evitamos, cabe dizer que o prazer é o bem, e a dor é o mal.

Estudar o epicurismo é entrar em contato, sobretudo, com uma revolução espiritual no período helenístico. Nesta parte do trabalho nos deteremos ao *Tetraphármakon* (quatro remédios súpula da ética epicúrea – é uma fórmula “psicoterápica” para redimensionar a subjetividade humana, inculcando-lhe um sentido otimista, com a remoção de inconvenientes como o medo e a ambição). Ei-los:

2.1.1 Não há o que temer quanto aos deuses: na Carta a Meneceu Epicuro expressa sua contestação quanto à falsa imagem dos deuses assegurada pela crença popular:

Ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções natas, mas em falsas opiniões (EPICURO, 1997, p.25).

A religião professada pelos gregos encarnava a principal vilã da infelicidade geral, pois a todos subjugava pela superstição. Tendo em vista que servia como aparelho ideológico do sistema político vigente: apregoava como já fora refletido, uma imagem equivocada dos

deuses. Faz-se necessário lembrar que as divindades são entes eternos e bem-aventurados⁵; essa bem-aventurança consiste na harmonia imperturbável, isto é, nem são perturbados por ninguém nem a ninguém perturbam. Sendo ilógico – insensatez atribuir aos deuses qualquer preocupação com o mundo dos mortais; nada de imaginá-los irados ou benevolentes, pois estas características são meramente humanas.

Assim, Epicuro tentava “libertar os deuses” das opiniões falsas para garantir ao homem a tranquilidade interior. Esse medo que se sente da divindade é ilusório, pois não se sustenta pela lógica. Ullmann afirma que “a religião popular, seja antropomórfica seja astral, representava um tremendo peso para a alma do povo; lembrando ainda que nos meios cultos, o temor do Olimpo não causava tanta impressão, porque era posta em dúvida a existência de tal tipo de divindades”. Imperava certo ceticismo em torno do que sobre elas se afirmava. “Mas, é impossível confundir a minoria da classe erudita com a ingente multidão ignara, profundamente supersticiosa” (ULLMANN, 1996, p.p. 96-97). Epicuro alega ser pior a crença que se tem nos deuses astrológicos em relação aos deuses populares, pelo menos estes conservam alguma esperança de favor àqueles que lhes prestam culto.

O sábio do jardim expõe logicamente que a crença da maioria se baseia em falso juízo e não em noções inatas, ou seja, a primeira afirmação é a de que os deuses existem e que são eternos e bem-aventurados; num segundo momento há uma incoerência quando a crença popular detém piamente a opinião de que os deuses sentem ira ou benevolência de acordo com atitudes humanas condizentes ou não aos seus desígnios. Ira e benevolência são experiências comuns aos seres mortais, são transitórias. Por isso o erro em atribuir qualidades finitas aqueles entes infinitos, preocupações em questões humanas, àqueles a quem a bem-aventurança consiste em nada serem perturbados.

Segundo acreditam os epicuristas “as religiões surgem da falsa aproximação entre as aparições dos deuses aos homens e os fenômenos naturais aterrorizantes” (PESSANHA, 2002, p. 74). Por isso o conhecimento filosófico a respeito da *phýsis* faz-se tão necessário para dissipar tal equívoco.

Epicuro combateu tenazmente as práticas adivinhatórias. Dizia que a vida do Insensato é ingrata, encontra-se em constante agitação e está dirigida para o futuro.

⁵ Como todo corpo, os deuses são constituídos por átomos finíssimos que vão sendo substituídos por outros; é uma eternidade dinâmica; a diferença é que os outros corpos são finitos. Eles (os deuses) se localizam nos intermúndios, ou seja, entre os vários mundos existentes.

Adivinhação é a preocupação de querer conhecer previamente os acontecimentos, os fatos ou a dinâmica da própria vida. Essa “visão futurista” na opinião mítico-religiosa sugere leis rígidas de determinação da condição e/ou da conduta humana – é o destino. O horizonte da liberdade fica comprometido. Sem um possível sentido de liberdade não se pode usufruir felicidade. Por isso é perniciosa à crença na adivinhação.

2.1.2 Não há o que temer enquanto a morte: a nossa existência é marcada por dois grandes eventos: o nascimento e a morte. O primeiro é único, e o último, sem sentido, definitivo. Nascermos uma única vez e morremos para sempre. Abole-se, nesse sentido, o desejo de eternidade e, com ele, o medo do além-tumba. A alma existe enquanto ligada ao corpo, desfazendo-se este ela também se esvai e os átomos que constituíam passam no vazio, podendo futuramente, alguns desses átomos agruparem-se a outros e formarem uma nova alma, destarte, combate-se também a crença ou ideia de reencarnação (ou retorno das almas). Se todo bem e todo mal residem na sensibilidade, a morte enquanto privação desta nada significa; por esse motivo, o medo do futuro quanto à morte, isto é, o sofrimento por antecipação é uma insensatez. Pois “quando existimos a morte não existe, quando ela existe, nós já não somos [...] por isso, é louco quem diz temer a morte” (EPICURO, 1997; p. 29). Assim refere-se à morte o Epicuro na Carta ao seu amigo e discípulo Meneceu.

2.1.3 Pode-se suportar dor: a dor é um fato inevitável para o ser sensível e mais ainda para aquele que tem consciência do sofrimento. Mas Epicuro declara que os males do corpo são breves ou apenas trazem consigo breves dores. É apelando à memória de um passado feliz ou projetando para o futuro a esperança de uma situação melhor que, no momento da dor, pode-se suportá-la pacientemente; é o considerado jogo de imagens para se viver bem até em meio às dores; além do mais o filósofo do jardim acredita e ensina:

A dor não se instala permanentemente na carne (sempre entendida em sentido biológico). Quanto mais atroz, menos ela perdura. O que supera o prazer na carne, nela não permanece por muitos dias. Num sofrimento mais prolongado, o prazer, no corpo, é sempre um pouco maior do que a dor (no corpo). (EPICURO apud ULLMANN, 1996; p.41).

O epicurismo adota a reminiscência (*anamnésis*), termo que alude a Platão só que para este a *anamnése* é concebida no plano inteligível, constituído por ideais ou formas incorpóreas – conhecimento como rememoração/recordação daquilo que existe no mundo das ideias; enquanto para Epicuro, o que acontece é rememoração subjetiva, no eixo da temporalidade do vivido sensível, sem jamais perder o vínculo com o corpóreo. O bem passado é jamais perdido: a memória se incumbe de mantê-lo vivo e fazê-lo com toda força,

outra vez presente. O desvio no tempo, na direção do passado, isto com relação à memória, ou do futuro (esperança), permite resignação em meio à adversidade, a serenidade nas agruras cotidianas, a liberdade interior que nenhum déspota é capaz de suprimir.

A dor é suportável quando se sofre pacientemente na esperança do bem possível, o prazer, usufruído quando a dor passar, pois toda dor é sempre menor no corpo que o prazer, é transitório; isso pode ser considerado jogo da memória e da projeção. Essa é a mentalidade subjacente no ensinamento do filósofo do Jardim quanto a esse lado cruel da existência. Todo o *Tetraphármakon* constitui, por assim dizer, uma “estética da alma”, pois predispõe o indivíduo a usufruir o belo em sua própria vida.

2.1.4 Pode-se alcançar a felicidade: a felicidade é acessível a todos, basta que se viva de acordo com a natureza, tendo conhecimento na opção pelo necessário. Esta requer um conhecimento apuradíssimo de nossos motivadores primordiais: os desejos são uma espécie de vazio movente que nos arrastam a satisfações muitas vezes dolorosas se os ignoramos, ou nos impulsionam ao “bem-estar” correspondente se, conhecendo-os, escolhermos dentre eles os que podem ser satisfeitos. Então, nesse caso, a infelicidade seria o desencontro entre o que se deseja e o que se valoriza como sendo o essencial para a saciedade desses desejos. Na Carta a Meneceu Epicuro faz uma hierarquia dos desejos, classificando-os em três categorias: 1. “*Desejos Naturais e Necessários*: a) para a felicidade (*eudaimonia*); b) para a tranqüilidade do corpo (Proteção); c) para a vida: nutrição, sono/descanso, etc.; 2. *Desejos Naturais Não Necessários*: busca do agradável: gula, luxúria, comidas requintadas, etc.; 3. *Desejos Frívolos*: nem naturais, nem necessários – ou Inúteis: a) Artificiais: riqueza, glória, ganância, ambição, etc.; b) Irrealizáveis: imortalidade”(www.pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro).

Podemos, então, sintetizá-los valorativamente em dois tipos: dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis, nestes últimos inserem-se as duas últimas categorias acima explicitadas. Portanto, se quisermos ser felizes devemos, tão somente, viver harmonizado com a primeira categoria de desejos, pois os restantes (os inúteis) nascem da vã opinião e jamais poderão ser saciados.

Quanto a isso Epicuro exorta seu amigo Meneceu dizendo que: “melhor desfrutem a abundância os que menos dependem dela; tudo o que é natural é fácil de conseguir; difícil é tudo que é inútil” (Ibidem, p. 41).

Percebe-se nesse aforismo a persistência do mestre em apontar que a pessoa é livre, e todos podem ser livres pelo conhecimento interior e autocontrole dos desejos e necessidades

supérfluas. Assim sendo, o indivíduo está apto a usufruir melhor de tudo de bom que a vida oferece. É mais rico espiritualmente quem menos é escravo de desejos de posses materiais: “se quiseres enriquecer, Pítocles, não lhe acrescentes riquezas diminui-lhes os desejos”, exorta o sábio (EPICURO apud JOYAU, 1980; p. 26).

O “positivismo” epicurista perante a capacidade humana de um autoconhecimento e, por este, um autocontrole do estado de espírito, pacificando-o, “produzindo” alegria, se expressa na inspirada e convicta assertiva do mestre do jardim ao proferir que:

O conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo. (...) Embora o prazer seja o nosso bem primeiro inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advém efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores. Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas. Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com os critérios dos benefícios e dos danos. (EPICURO, 1997, pp. 37-39).

A exposição feita até aqui explicita a importância dada ao conhecimento para o afastamento das vãs opiniões tanto no âmbito artificialmente modificado (sociedade) como também e, principalmente, no que concerne ao “habitat” interior da pessoa, seja o medo à divindade, sejam os desejos inúteis.

Posta a ênfase na condição íntima de felicidade individual, ao contrário do que se poderia imaginar e longe de constituir um individualismo egocêntrico, respalda-se basicamente na solidária relação de hospitalidade em que os transeuntes sequiosos de paz interior sentem-se convidados e acolhidos, sem importar o gênero ou a condição econômica, prevalecendo no âmago da comunidade, a amizade como pedra angular na qual se exerce o altruísmo, fruindo conseqüentemente a liberdade – condição fundamental de felicidade.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA AMIZADE (*PHYLIA*)

Um adágio que certamente é conhecido nosso é o de que *nenhum homem é uma ilha...* (Frase do poeta, pastor e advogado inglês John Mayra). Nesse intuito, tentaremos esboçar o significado e a importância da amizade como *única relação social possível* na visão do sábio mestre do jardim – relação humana e humanizante porque expressão de nossa liberdade individual exaltada e enaltecida pela livre ligação com o outro, na qual a simpatia pessoal é a chave interpretativa.

Para começar faz-se necessário abandonar a pré-concebida idéia de que há uma amizade perfeita, na qual se experimentará ociosidade e deleite. O que restaria disso seria uma vida sem sentido por conta da acomodação paralisante; se tal fosse seria a mais mórbida situação de uma existência decadente. Entendemo-la como o movimento recíproco das virtudes que, logicamente, se dá entre indivíduos que se percebem afins.

Os gregos faziam a nítida distinção entre duas formas representativas do amor: a *philia* (amizade) como relação interpessoal desinteressada, ou seja, permite que amemos o outro por ele mesmo, não esperando recompensa, nem qualquer outra coisa senão a satisfação do outro; sentimento sublimado, moderado, tranqüilizador, o que seguramente denominamos amizade; e o *Eros*, que pode ser facilmente traduzido por paixão ardente, cupidez força atrativa. Enquanto este expressa o instinto com sua força avassaladora; aquela exprime uma afeição livre, um sentimento pacificador, gerador de bem-estar, fonte de um nobre prazer – o de ter um sentido para viver; e o sentido positivo da vida é o que denominamos felicidade. O amor-*Eros* com o passar do tempo se esvai, perde força e sentido, visto que nasce da falta ao satisfazê-la perde sua razão de ser; já o amor-*philia* se fortalece se aprofunda e cresce pela sua copiosa natureza de sentimentos nobres. A verdadeira amizade baseia-se num sentimento de proximidade e compartilhamento – alteridade/reciprocidade.

A amizade para os gregos era expressão de virtude. Pitágoras chamava-a de mãe de todas as virtudes. Por isso só podem firmar amizade pessoas que se esforçam para serem virtuosas e nas quais está uma boa semente.

Platão afirma que só pode ser amigo de outro quem é amigo de si mesmo, quem age amigavelmente consigo mesmo. Isso significa colocar em ordem a própria alma e direcioná-la para o bem. Na descoberta e direção da alma para o bem o amigo é imprescindível.

Aristóteles distingue três tipos de amizade: a utilitarista, a da busca do prazer e a da boa vontade. As duas primeiras são para ele egoístas e geralmente duram pouco. Só as amizades concebidas pela boa vontade são duradouras e merecem este nome. Nela se torna claro que os amigos querem o mesmo; que para eles tudo é comum. No livro VIII, 1 (25) da *Ética a Nicômaco* Aristóteles assinala que a amizade é das mais altas virtudes, e, portanto, extremamente necessária uma vez que “Quando os homens são amigos não necessitam de justiça, ao passo que mesmo os justos necessitam também da amizade; e considera-se que a mais autêntica forma de justiça é uma espécie de amizade” (ARISTÓTELES, 2001, p. 173).

Pressuposto para o êxito da amizade é que o amigo deseje a felicidade do outro, que o trate bem e que nasça a familiaridade. Nesse caso, há uma comunicação espiritual que, procedendo de uma decisão livre constitui-se pelo afeto recíproco e desinteressado. Apóia-se na simpatia pessoal e na força idealizadora do Eros, mas tende à união duradoura que repousa sobre uma visão comum e uma avaliação concorde das coisas. A amizade é basilar para a felicidade pessoal, porquanto não pode ser plenamente feliz quem estiver fechado em si mesmo. Amizade significa extasiar-se – “sair de si” – para hospedar-se na intimidade do outro sem que isso signifique invasão ou alienação, visto que só tem condição de constituir amizades verdadeiras quem minimamente é consciente de si, quem se aceita e se ama, tendo presente os próprios vícios e virtudes. Tal relação se arraiga nas atitudes, no que é constitutivo e interpessoal, daí que a dinâmica do afeto seja *axiológica*, portadora de valores. Este é um valor que enriquece a pessoa que se encontra com a responsabilidade livremente assumida de comunicar e intercambiar com palavras e gestos os sentimentos; de sentir a harmonia do afeto e o do encontro entre amigos⁶. Então a amizade é uma predisposição da pessoa; por isso, negar-lhe ou inibir-lhe essa dimensão interrelacional seria o mesmo que o suicídio, uma vez que sem amigos a existência pouco significa. Na ausência de amizades instala-se no indivíduo o medo, a angústia, a depressão, a ansiedade ou outros sintomas negativos análogos a estes.

Epicuro considera a amizade a maior dádiva da sabedoria para a felicidade de toda a vida. A conquista de amizade oferece segurança, liberta do medo e é a condição básica de felicidade, isto é, plenifica a vida. Não há perigos, mormente interiores, que não sejam por ela afrontados, atenuados.

⁶ Aqui lembra as festas realizadas no Jardim periodicamente no 20^o, Dia de cada mês para festejar a memória do seu mestre, fortalecendo assim os laços de amizade.

A amizade (*phylia*) na perspectiva epicurista pretende suplantar qualquer outro vínculo social seja político ou religioso. Pois se não há salvação coletiva o que interessa é a condição para a elaboração de uma “subjetividade” livre, inalienada, incólume ao despotismo dos desejos irracionais, das falsas opiniões e dos temores infundados; subjetividade “inatingida” pelas tiranias do mundo. “Durante a vida breve essa *phylia* remete à imitação da ligação que sustenta a bem-aventurança dos deuses” (PESSANHA, 2002, p. 79). Há entre os epicureos das comunidades filosóficas presentes em Atenas, Mitilene, Cólifon e Lâmpsaco uma forte sintonia com o ensinamento instrutivo/exortativo de Epicuro. É uma ligação intercomunicativa em que pela atividade filosófica propaga-se a “verdade aclaradora”, isto quer dizer que há reflexão e estudo para a obtenção do conhecimento lógico dos fenômenos físicos, e, concomitantemente, exercita-se a alteridade: a austera dedicação pelo “bem-estar” do outro. Eis o liame – o forte laço afetivo – que imperava na formação desse grupo de filósofos amigos. Grande é o empenho na busca do equilíbrio entre o racional e o sensível – sentimento e conhecimento. Tal harmonia é o autêntico prazer, o prazer puro adquirido pelo filosofar em comunidade. Assim comenta Jean-Claude Fraisse citado por Pessanha:

A amizade ajuda o sábio, sob o olhar do sábio, a gozar de sua própria existência. Ajuda a fazer a dissociação entre os tormentos do corpo e a paz de espírito – chave da vida feliz. Finalmente, proporciona esse prazer único da discussão filosófica, prazer que, ao contrário de todos os demais, desconhece qualquer dor. Não podendo impedir o que é a marca de nossa finitude, nos ajuda a não nos entregarmos a sonhos de infinitude, que apenas faz aumentar nossa miséria, e a encontrar, na instantaneidade do prazer e na extensão de prazeres instantâneos à totalidade da vida por meio do jogo da memória ou da antecipação racional, essa pureza da alegria que a assemelha à dos deuses (PESSANHA, 2002, p.79).

A amizade é de importância capital entre os filósofos do jardim, cultivada como o meio mais eficaz de humanização visto que potencializa o indivíduo com as virtudes da justiça que se concretiza na igualdade e na solidariedade; e da temperança que é o mesmo que fortaleza nas adversidades e superação dos limites ou defeitos que apequenam a pessoa. Esse cuidado de suscitar e preservar relacionamentos interpessoais harmônicos, virtuosos, é constitutivo de uma moral salutar.

Comenta-se na antologia de textos que “Epicuro em lugar de reunir os seus auditores numa sala, num ginásio ou num pórtico, dava-lhes lições ao ar livre; não fazia os seus cursos há certas horas, mas passava todo o dia no jardim, falando familiarmente com uns e com outros, de modo que se não via nele um mestre rodeado de discípulos, mas um grupo de amigos que filosofavam juntos. A amizade é uma das características mais notáveis da escola

epicurista; esta amizade que não cessou de nela reinar, unindo por um lado os professores e os alunos, por outro lado os alunos entre si” (1980, p. 12). Assim percebemos que o amor à sabedoria transborda de tal maneira que se estende eficazmente a toda humanidade.

No jardim, além da afável e calorosa recepção aos transeuntes, festejava-se mensalmente a memória do seu mestre e a comunicação se dava por cartas como já fora salientado. O encontro para o repasto em comum é sempre oportunidade de fortalecimento de amizades. E. Joyau comenta que “[...] Todos os epicuristas se reuniam no jardim periodicamente para tomar parte em refeições em comum e para celebrar o aniversário da morte do seu chefe, de maneira a alimentarem a amizade que os unia” (JOYAU, 1980, p.5).

Assim acompanhados, filosofam aqueles que desejam felicidade; de modo inverso, os que se arrogam o título de supra-sumo do conhecimento filosófico, abatem-se pelo cansaço e frustração de não encontrar sentido algum em seus próprios empreendimentos, pois a solidão para quem quer ser feliz representa algo muito comprometedor e aterrorizante, uma vez que o indivíduo se depara com sua própria miserabilidade e finitude sem uma presença que lhe faça sentir ternura na vida. Portanto, o epicurismo como movimento filosófico surgido num momento crítico na História da Grécia Antiga – transição do período considerado clássico para o helenístico tem a conotação de um movimento alternativo que busca corresponder aos anseios mais prementes que afligem os espíritos ignorantes. Duas ferramentas foram retomadas para auxiliar na organização de uma condição espiritual estavelmente equilibrada: a filosofia pelo conhecimento lógico, seguro dos fenômenos físicos e psicológicos, esclarecendo qual a verdadeira finalidade da natureza; e a *amizade* – único relacionamento social possível que promove a justiça pela igualdade de direitos e deveres, exercitando as virtudes essenciais para a garantia da fruição do bem desejado: a Felicidade.

3. O PRAZER COMO PRINCÍPIO E FIM DA FELICIDADE

Retomando a temática desta pesquisa, serão elucidados os pontos basilares da reflexão ético-filosófica epicurista que nos permitem discorrer sobre assunto tão complexo, em se tratando da felicidade, uma vez que esta diz respeito preponderantemente à *condição íntima*. Será esclarecido, sobretudo, o significado do prazer defendido por Epicuro como “princípio e fim de uma vida feliz” (EPICURO, 1997, p. 37).

A assertiva epicurista que diz que “nada provém do nada, pois que tudo nasceria sem necessidade de sementes” (www.filosofia.com.br/figuras/livros_inteiros/38.txt.) remonta, a uma questão antropológico-filosófica visto ser um desejo do homem querer conhecer a origem de tudo, principalmente do mundo, identificando uma resposta/base convincente em que não haja divagações quanto à compreensão da gênese e constituição do universo e, obviamente, dos seres animados.

A teoria de Demócrito que apresenta os átomos sendo a base do todo (de tudo que existe) é retomada e inovada por Epicuro. Para este, os elementos imutáveis, indivisíveis e eternos – os átomos – circulam no vazio e, pelo *clinamen* (desvio), vai ocorrendo uma aglomeração atômica até formar os corpos (e, dentre estes, o composto vivo – dotado de sensibilidade). Corpo e alma então fazem parte da mesma realidade, mas distinguem-se pela função que exercem um sobre o outro e pela relação com outros corpos circundantes: a *sensibilidade* está imediatamente ligada ao corpo, enquanto as noções de sensações experimentadas nalgum momento, conservadas na memória, denotam uma atividade da alma. Por isso, é incabível uma interpretação dualista, como fazia Platão, da alma separada do corpo; para a teoria atomista, aquela só existe enquanto este existe.

Epicuro “define” a alma como sendo a composição “de partículas sutis, difusas por toda a estrutura corporal, muito semelhante a um sopro que contenha uma mistura de calor semelhante um pouco a um e um pouco a outro” (JOYAU, 1980, p. 24). Os processos mentais manifestam as faculdades da alma (setor espiritual); a privação destas faculdades é aquilo que denominamos de morte.

As sensações de prazer e dor funcionam como critérios imediatos e irrefutáveis daquilo que deve ser buscado ou evitado pelo ente sensível; são irrefutáveis porque são alogos, ou seja, ocorrem sem a necessidade de palavras, destarte, estão afastados da formulação de juízos falsos. Logo são evidentes.

Mas, antes do aprofundamento na consideração de Epicuro sobre o que seja o prazer, julgamos salutar uma sucinta abordagem das variadas concepções que se pode ter sobre o prazer. A atenção será enfatizada apenas em algumas “definições” relevantes para demonstrar que este é um assunto importante tanto para um filósofo como Epicuro, um psicanalista a exemplo de S. Freud ou mesmo uma simples pessoa do povo. A intenção deste capítulo é compreender o sentido filosófico do prazer como um bem inerente à natureza sensível, assim como o entendia Epicuro para se alcançar a felicidade. Dentro desta perspectiva compreendemos que o que é condenável, para o homem, é a satisfação dos desejos instintivos como eles se apresentam na condição animal, ou seja, sem o uso da razão. Sem uma ponderação ou consideração racional sobre as consequências possíveis intrínsecas à satisfação dos mesmos, o que se obterá será a infelicidade.

As várias afirmações acerca do prazer são certamente válidas para se compreender a importância do mesmo para esta dissertação, mas em sua maioria não tem uma profundidade filosófica ou científica das quais se possam haurir uma utilidade real, concreta para a existência. Alguns definem prazer como sendo a satisfação de necessidades; outros afirmam que é ausência de mal-estar; outros, ainda, uma espécie de euforia, do corpo ou da mente, ou de ambos etc. Mas, quanto a isso, há aqueles que objetam, dizendo que se pode satisfazer as necessidades sem experimentar prazer; que não é legítimo equiparar prazer com bem-estar, com “satisfação” ou com “alegria” etc., visto que cada um desses termos tem um conjunto de usos próprios não redutíveis estritamente aos outros. Para que se torne menos vaga a noção de prazer especificaram-se dois tipos: o prazer corporal (“objetivo”) e o prazer psíquico ou mental (“subjetivo”), isto é, o prazer físico e o prazer espiritual⁷. Um depende necessariamente do outro, sendo difícil a distinção entre ambos.

Epicuro, ao apresentar o prazer e a dor como únicas sensações existentes que servem de parâmetros fundamentais do que deve ser buscado enquanto bem e do que deve ser evitado enquanto mal (campo da moral), inferiu-lhes um valor epistemológico, ou seja, um meio de conhecer evidentemente a natureza das coisas. Esta afirmação é a interpretação pessoal dos elementos filosóficos encontrados na Carta de Epicuro a Meneceu, sobre o conhecimento dos desejos e, em consequência, dos prazeres. Uma vez que há uma espécie de “preferência lógica” pelo prazer e rejeição à dor. Observa-se que, de modo natural e sem o uso da razão,

⁷ Espiritual para o epicurista tem sentido estritamente concreto, real, visto que está ligado diretamente à alma (=composto atômico como já explicitamos acima), sendo, portanto, relacionado ao conjunto psíquico/intelectual (“atividade” racional e sentimental), ou seja, a memória.

sem aprendizagem alguma, um animal e uma criança buscam prazer e fogem da dor. Eis a evidência desses critérios. Assim sendo, prazer e dor são critérios imediatos e irrefutáveis do estado de nosso corpo e do caráter útil ou nocivo dos objetos com os quais ele se relaciona.

O prazer funciona como critério orientador das ações humanas na direção do bem. Deste modo, fundamenta-se nitidamente uma posição ética a partir do que a natureza pode manifestar de mais evidente ao indivíduo; já que é patente que o homem por natureza persegue o prazer, fugindo sempre da dor. Ao salientar o prazer na perspectiva epicurista, considera-se mais numa condição “espiritual” (“subjéitiva” ou “psicológica”), já que o filho de Samos vai direcionando para tal interpretação quando diz que *o que importa para nossa felicidade é a nossa condição íntima e dessa, nós somos os amos*; a felicidade depende preponderantemente de uma disposição interior livre das amarras dos desejos de bens materiais e dos tormentos propagados por uma “fantasia religiosa” equivocada. Quanto a isso exorta sabiamente:

Nem a posse das riquezas nem a abundância das coisas nem a obtenção de cargos ou o poder produzem a felicidade e a bem-aventurança; produzem-na a ausência de dores, a moderação nos afetos e a disposição de espírito que se mantenha nos limites impostos pela natureza (EPICURO apud JOYAU, 1980, p.25).

Apesar da contestação de que é possível sentir prazer e dor ao mesmo tempo, como ocorre em certas situações supostamente anômalas ou “mórbidas”, nas quais se sente prazer ao experimentar dor e das quais o exemplo mais citado é o masoquismo, Epicuro é da posição de que o prazer é o contrário da dor, de modo que não se pode sentir um e outro concomitantemente, sendo, por isso, dor ausência de prazer e prazer ausência de dor. É na superação de uma dor intensa que a pessoa logra uma imediata satisfação/alegria: se há uma acurada compreensão disso e não há vacilação nesse raciocínio, esta é a essência do bem.

Quando Epicuro fala do prazer como o início e o fim de uma vida feliz identifica-o com um sentido mais refinado, ponderado, comedido. Há um desejo de permanência implícito na pessoa humana, principalmente no que se refere à felicidade. O homem quer sempre que algo bom, isto é, prazeroso, permaneça ou se prolongue. E pode sentir que nem tudo que é bom imediatamente o é constantemente, porque traz, na maioria das vezes, desventura, sofrimento. É pela experiência dolorosa de certos prazeres usufruídos no imediatismo de uma animalidade irrefletida que se pode comprovar que há situações em que o bem, isto é, o prazer, pode ser um mal, ou seja, dor. Por isso que mesmo constituindo um bem por sua própria natureza, nem todo prazer deve ser buscado; de igual modo, mesmo a dor sendo um

mal, nem todas devem ser evitadas. Assim Epicuro exorta ao seu amigo Meneceu: “Todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas” (EPICURO, 1997, p. 39). Perspicazmente o mestre do jardim vai evidenciando o sentido de prazer que defende:

Quando então dizemos que o fim último é o prazer não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos – banquetes contínuos, posse de mulheres e de rapazes, sabor dos peixes ou outras iguarias de uma mesa farta – mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbação da alma (Ibidem p.p. 43; 45).

O prazer como reflexão ética busca a realização da vida feliz. Por ser o bem inerente a *phýsis*, princípio e fim da *eudaimonia* significa o estado natural e equilibrado, tanto do corpo, quanto da alma. Como parâmetro de julgamento da realidade o prazer também deve passar por um “julgamento”, uma seleção, e então só deve ser acatado, para garantia do estado de felicidade, aquele gênero que seja natural e necessário. Se o homem persegue uma condição prazerosa constante (*eudaimonia*), se faz necessário saber a que qualidade de prazer se assente, avaliando sempre a partir de suas consequências.

A atividade filosófica é estritamente “espiritual” visto se dá por raciocínios e discursos. É necessária à medida que capacita o indivíduo para a compreensão da natureza (*phýsis*) e, especialmente, no discernimento dos fenômenos sejam celestes ou interiores (subjetivos).⁸

O sábio (*sóphos*) habilita-se pela experiência a agir com prudência (*phrónesis*). A prudência é o que assegura a possibilidade de viver prazerosamente e se apresenta como claro indício do bem. Alia da ao *logismós* (cálculo do prazer “técnica/produto” da filosofia), a *phrónesis* tem a função fundamental de medir os valores que realmente importam para a vida, isto é, os valores efetivos; pois sua ausência implica uma diminuição do prazer e um aumento da dor, resultando num desequilíbrio. Mais efetivamente Epicuro deixa explícita a aplicação da prudência na exortação que faz ao amigo Meneceu: “Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos” (Ibidem, p.39).

O prazer só poderá ser realizado em sua plenitude no exercício da filosofia porque esta deve conduzir o sentido da ação, dotando-a de medida e perspectiva de realização. O

⁸ Compreendemos por fenômenos celestes a função e o movimento dos astros; e por fenômenos “subjetivos” o conjunto das paixões e desejos – sentimentos (*pathé*).

prazer, neste sentido, é completo quando experimentado no corpo e na alma simultaneamente, ou seja, quando a ação voltada para o prazer se dá a partir de uma compreensão dos seus próprios limites *naturais e necessários*.

A vida direcionada pela prudência é feliz, já que esta é a matriz de todas as virtudes. Por ela, aprende-se que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Numa palavra, a felicidade é a expressão ou o “fenômeno” de uma vida laborada pelas virtudes.

Só então, quando o indivíduo tiver em si tais “técnicas” (a prudência e a medida = “Cálculo”), sendo capaz de comandar a si mesmo, de modo a não mais ser perturbado por nada e por ninguém, estará qualificado a viver como um deus entre os homens, a lograr a bem-aventurança dos imortais entre os mortais. Epicuro nos diz no final da carta a Meneceu que “não se assemelha absolutamente a um mortal o homem que vive entre os bens imortais” (Ibidem, p.51).

Portanto, só o sábio pode ser genuinamente feliz, pois além de ser virtuoso, *tem um juízo reverente acerca dos deuses, é indiferente perante a morte* – ela não o perturba – *compreende bem a finalidade da natureza* – por isso não crê em destino, nem tampouco o amedrontam os fenômenos naturais – *discerne que “o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou durou pouco, ou só nos causa sofrimentos leves”* [?] (EPICURO, 1997, p. 47). A felicidade do sábio é a mesma usufruída pelos deuses.

A felicidade numa concepção atomista explica-se no fato de se acreditar na possibilidade de experimentá-la de modo iniludível a partir de potencialidades sensíveis congêntas à natureza (*phýsis*), sendo assim, imanente à realidade na qual está inserido o “sujeito contemplativo”. Concretiza-se, tal experiência, no conjunto de afetos (*pathé*) que constitui a condição íntima da pessoa humana. Por esse motivo, faz-se dispensável a projeção para uma realidade da qual não se tem acesso pela “sensibilidade-racional”; uma vez que se distanciaria da vontade e dos desejos humanos. Neste aspecto, há uma clara diferença com o sentido de contemplação como a entendia Aristóteles e, em especial, os medievais. Para os quais a felicidade é a plenitude de uma satisfação bem aventurada.

Como é perceptível, a perspectiva materialista/atomista está em contraposição a um sentido suprassensível de felicidade. O homem não precisa, nem deve “fugir” para o transcendental se quiser ser feliz; nele mesmo (em seu interior), já é oferecido à condição básica para vida aprazível.

Nesta perspectiva epicurista, quando se alude a materialismo/atomismo, quer indicar um sentido cosmológico, mais precisamente, como o entendeu Demócrito em que tudo que existe é formado por átomos e que encontrou em Epicuro um aderente inovador⁹.

O prazer defendido por Epicuro é o do sóbrio raciocínio acerca dos fenômenos naturais, prazer puro, porque avaliado e medido pela prudência (*phrónesis*) e pelo “cálculo” (*logismós*); é o comedido, baseado numa vida simples que se contenta com o natural necessário. Por esse motivo, faz-se insana qualquer interpretação que rotule o epicurismo de voluptuoso; pois além de olhar a natureza negativamente, interpreta-se unilateralmente o que outros disseram e isso significa uma visão “antifilosófica”, porque anacrônica.

Para se compreender a “filosofia de vida” do sábio do jardim, vale frisar o núcleo integrador no qual se apóia o discurso acerca da possibilidade de se viver o bem mais desejado (a felicidade), aqui, nesta existência: é a *natureza* e a *necessidade*. Epicuro submete toda a condição interior a esses dois elementos de “lei universal” e propõem-nos aos seus amigos.

Quando defende que *a vida íntima é o que importa para a nossa felicidade*, apresenta três categorias de desejos que são nossos “hóspedes” e, que, quando os desconhecemos, fica difícil sermos felizes. São denominados de: *desejos naturais* e *necessários* (que são intrínsecos às necessidades básicas de alimentação, água, etc.); *desejos naturais não necessários* (que estão mais relacionados às situações superficiais ou secundárias como: requintes da mesa; prazeres sensuais, etc.); e *desejos não naturais desnecessários ou inúteis* (ambição política, aspiração às riquezas ou honrarias, etc.). Se a felicidade é o propósito de todos os empreendimentos humanos, então a opção de vida deve radicalizar-se nos desejos naturais e necessários, pois somente o que é natural é fácil de conseguir, ao passo que, o que é inútil manifesta-se difícil ou até mesmo impossível de satisfazer o indivíduo segundo a “Hierarquia dos desejos” apresentada por Epicuro. Só então, quando a pessoa capacita-se no conhecimento seguro de seus próprios desejos, tornando-se autônoma em relação a estes quanto à escolha dos que devem ser acatados – para o estado “felicilatório” – e dos que não devem ser “alimentados”, pois, do contrário, seriam causas de infelicidade (*desidaimonia*),

⁹ Para Epicuro os átomos são infinitos, imutáveis e eternos; têm peso e movimentam-se numa direção: para baixo. Diferente de Demócrito “Epicuro não deixa de preservar a vontade humana e a liberdade individual, incluindo em seu sistema a sociedade e a consciência moral” (EPICURO, 1997, p. 13).

usufruir-se-á do prazer puro. De outro modo, isso significa que somente o autárquico (o *sóphos*/sábio) conseguirá pela *aponía* (“ausência de dor no corpo”) e *ataraxia* (“ausência de dor na alma” ou imperturbabilidade) ser, na serenidade, realmente FELIZ.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A felicidade, enquanto especulação filosófica é um assunto bastante investigado e discutido desde que o homem experimenta em si a ausência de um sentido que lhe realce a decadente e efêmera existência. Desde a mais remota história a partir do pensamento clássico na Grécia Antiga — vária teoria sobre o tema tem sido formulada. Os metafísicos defendem a ideia de felicidade como uma atividade racional, mais centrada numa perspectiva transcendental em que esta é “definida”, ou descrita, como contemplação bem-aventurada. Os mais empíricos advogam a tese de um estado experimentável no próprio mecanismo corporal a partir da relação deste mesmo corpo com o mundo enquanto conjunto de fenômenos.

Na Grécia Antiga, o *equilíbrio* estava como um dos elementos centrais do pensamento reflexivo seja para uma aplicação geral (social) ou particular (individual); aliás, não se pode pensar um sem o outro. Este foi identificado com a expressa virtude da justiça. Para Aristóteles, a virtude se encontra no meio (na medida), qualquer extremo é vicioso, provoca danos. É com essa mentalidade que Epicuro retoma o polêmico discurso do prazer disseminado pelos cirenaicos, uma das ramificações do pensamento socrático, tendo como representante Aristipo. Se para os cirenaicos o prazer é identificado com movimento suave e é a satisfação de qualquer necessidade humana, para Epicuro significa repouso, e apesar de considerá-lo um bem congênito à natureza/*phýsis*, é preciso saber discernir entre os prazeres prejudiciais (que provocam dor, sofrimento) e os que “produzem” felicidade. A ausência de dor no corpo (*aponia*) e ausência de perturbação na alma (*ataraxia*) é o que “produz” no indivíduo um duradouro estado de serenidade, fazendo com que este desfrute a própria existência como riqueza. Portanto, há prazeres que devem ser acatados e há os que devem ser excluídos para o próprio bem daquele que os sentem. A felicidade é o “resultado” do nosso equilíbrio pessoal.

Epicuro não se preocupa em elaborar um sistema filosófico bem organizado, mas em apresentar uma reflexão prática que levasse em consideração a emancipação da pessoa sobre a depreciativa política e a pavorosa religião. A forma como diz – *vive ignorado* – e como realmente vive: afastado do tumulto citadino, mostram a coerência de sua atitude; vive de acordo com o que fala.

Seu ensinamento visa à salvação da pessoa, mas no plano existencial, neste mundo finito. Após a morte não existe mais vida, a alma se desintegra com o corpo. Aqui se percebe

germens do niilismo (negação de uma realidade transcendente); a esperança é posta numa dimensão existencialista. A “filosofia de vida” epicurista pode ser analisada como “humanista” (valoriza a pessoa em sua singularidade) — “monista” (todos os “entes” são constituídos de uma só substância: os átomos) e “immanentista” (tudo existe objetivamente e podem ser experimentados sensivelmente, inclusive os deuses que são corpóreos e localizam-se num espaço determinado: nos inter-múndios).

Apesar de o pensamento de Epicuro estar situado no século III a.C. isso não invalida a contribuição que dele recebemos para pensar melhor a vida. A lição que fica é a que mesmo em meio aos sofrimentos podemos encontrar uma alternativa para sermos felizes, sendo quem somos sem fugir desta existência. A vida é bela se vivida com sabedoria; sabedoria esta que significa usufruir cada instante que nos é propiciado viver, tendo a prudência como bússola a medir cada atitude que precisamos tomar perante a vastidão de opções que nos são apresentadas. A nossa geração precisa aprender que, diante de tantos desesperos e decepções, é salutar, para se viver felizmente, alimentar alegre esperança. Só a esperança de que nem tudo está perdido, que há sempre uma saída para qualquer situação por mais difícil que seja, é que nos põe em contato com o lado mais belo da existência. Precisamos aprender a admirar as situações pelo que de educativo elas nos proporcionam.

Aprendemos com o sábio do jardim que a vida é mais que a morte; que vale viver mesmo se sofremos, pois o bem usufruído (o prazer) é sempre maior que o mal (a dor, o sofrimento) que nos atormenta.

Epicuro foi realista sem ser pessimista; teve motivos para repudiar viver, devido à inflação de situações degradantes que congelavam os ânimos do povo grego em sua época, além da doença – pedras na bexiga – que lhe atormentava desde a juventude até sua morte aos setentas e dois anos aproximadamente. No entanto, decidiu emergir desta realidade caótica empunhando a bandeira da alegre esperança na firme convicção de que é possível ser feliz. Os registros que a ele se referem explicitam-nos que no dia de sua morte o sábio dita uma carta a um amigo distante informando de sua alegria em lembrar as boas conversações de outrora que tivera com este amigo, dizendo que apesar das terríveis dores, aquele era o dia mais feliz de sua vida.

Assim como Epicuro, acreditamos que a vida está repleta de beleza e bondade apesar das contrariedades; que por mais difícil que pareça a nossa situação no mundo; por mais que digam que não é possível ser feliz e que só resta-nos aceitar as coisas como estão, preferimos

remar contra a corrente, acreditando com o sábio do jardim que somos capazes, basta querer e nos exercitar, pois a felicidade é questão de prioridade, de nos educarmos para tal. Não existe ninguém que já tenha nascido plenamente feliz nem infeliz, tudo vai depender de como se enfrenta as situações quotidianas, de como pesam os fatos no objetivo a ser alcançado. Epicuro estabeleceu metas, que na realidade indicava o seu próprio ritmo de vida posto à disposição dos que ainda tateavam nas trevas da infelicidade, apontando um itinerário a ser seguido; e nos ensina com isso que é possível usufruirmos em nós mesmos a **FELICIDADE**.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bossi 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001 (A obra Prima de Cada Autor – 53)
- EPICURO. **Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)**. Trad. e apresentação Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 1997.
- [HTTP://www.acervofilosofico.com/filosofia-helenistica-introducao](http://www.acervofilosofico.com/filosofia-helenistica-introducao).
- [HTTPS://www.wikipedia.org/wiki/Epicuro](https://www.wikipedia.org/wiki/Epicuro).
- [HTTP://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/a-felicidade-em-santo-agostinho](http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/a-felicidade-em-santo-agostinho).
- [HTTP://www.filosofia.com.br/figuras/livros_inteiros/38.txt](http://www.filosofia.com.br/figuras/livros_inteiros/38.txt)
- JOYAU, E. **Epicuro in Antologia de Textos**. Trad. Agostinho da Silva. 2. Ed. São Paulo. Abril Cultura, 1980; [Coleção os Pensadores].
- PESSANHA, José Américo Mota. **As Delícias do Jardim in Ética**. Organização Adauto Novaes. São Paulo: Cia das Letras, 1992 (p. 57 – 85).
- REALE, Giovanni. **História da filosofia: antiguidade e Idade Média** / Giovanni Reale, Dario Antiseri; - São Paulo: PAULUS, 1990. – (Coleção filosofia)
- RUSSELL, Berfrand. **História do Pensamento Ocidental – A Aventura das Idéias dos Pré-socráticos a Wittgenstein**. Trad. Laura Alves e Aurélio Rebello. 4. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001
- ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Epicuro: O Filósofo da Alegria**. 2. ed. Coleção Filosofia - 35. Alegre: EDIPUCRS, 1996.